

Morre Rita Lee, rainha rebelde do rock brasileiro

Morre Rita Lee, maior estrela do rock brasileiro e ícone transgressor

Artista desabrochou com a tropicália e marcou gerações com composições psicodélicas e feminismo sem pudor

Laura Mattos

SÃO PAULO Maior estrela do rock brasileiro e nome que despontou durante o tropicalismo com a banda Os Mutantes, Rita Lee morreu nesta segunda-feira, dia 8, aos 75 anos. Ela estava em casa, na capital paulista, com a família.

O velório será aberto ao público, no planetário do parque Ibirapuera. A cerimônia está marcada para quarta-feira, dia 10, das 18h às 17h, informou a família em publicação na página da cantora no Instagram.

Reclusa nos últimos anos, ela recebeu um diagnóstico precoce de câncer de pulmão em 2021. Após tratamentos, em abril de 2022, a doença teria entrado em remissão.

Antes, Rita escreveu sobre sua morte, a seu estilo. "Quando morrer, posso imaginar as palavras de carinho de quem me detesta. Algumas rádios tocarão minhas músicas sem cobrar jabá. Fás, esses sinceros, empunharão meus discos e entrarão 'O Velho Negro', as TVs já devem ter na manga um resumo da minha trajetória. Nas redes virtuais, alguns dirão: 'Ué, pensei que a vó já tivesse morrido, kkk'."

O trecho faz parte de sua autobiografia, na qual relata no mesmo tom, sempre direto e reto, tanto passagens divertidas, a exemplo das travessuras na infância e na adolescência, quanto trágicas, como o abuso de álcool e drogas.

Sem autopiedade, ela se refere a si própria com bom humor e sarcasmo, assim como aos outros — um forte traço da construção de sua imagem como a maior roqueira do país.

A experiência artística, contudo, não começou bem. Quando Rita tinha entre seis e sete anos, a conceituada pianista Magdalena Tagliaferro lhe deu aulas de piano em troca do tratamento que fez com seu pai, Charles, dentista de origem americana. Numa audição, a menina ficou tão nervosa que fez xixi no banco do piano. A professora a aconselhou a não seguir na música porque tinha medo de palco.

Rita não seguiu o conselho e, na adolescência, participou de diferentes conjuntos, até chegar ao quarteto feminino Teenage Singers.

A brincadeira ficou mais séria quando elas conheceram, em 1964, os meninos do Wooden Faces, do qual fazia parte Arnaldo Baptista. Rita e Arnaldo, com 16 anos, iniciaram um namoro e, com o tempo, as bandas se uniram.

Do entra e sai de integrantes, ficaram seis, entre eles os namorados e Sérgio Dias, irmão caçula de Arnaldo. Tornaram-se o Six Sided Rockers, que tocaram na Record. Em 1966, gravaram compacto com novo nome, Os Sides, Brigas e rearranjos depois viraram três, com Rita Lee e os irmãos Arnaldo e Sérgio.

Foram convidados a se tornar banda fixa no programa "O Pequeno Mundo de Ronnie Von", da Record. O apresentador, fã do livro "O Império dos Mutantes", sugeriu que se tornassem Os Mutantes. Em 15 de outubro de 1966, estrearam tocando, com guitarras, a "Marcha Turca" de Mozart.

Deram a primeira entrevista, à Folha, e a cantora assim definiu o grupo: "Ele vem de outro planeta para tomar

conta do mundo. É moço, inteligente e vai longe, porque encontrou o mundo cheio de mediocridade". Este moço adorava guitarra, o que não era bem visto pela MPB.

Em 1967, Elis Regina organizou a Marcha Contra a Guitarra Elétrica, em oposição ao que chamavam de americanização da música brasileira. Entre os presentes estava Gilberto Gil. Ele convidou Os Mutantes para acompanhá-lo no 3º Festival de Música Popular Brasileira da Record. A apresentação marcou a introdução da guitarra na MPB. As vaivas e o segundo lugar no festival atestaram que aquilo vinha mesmo de outro planeta.

Além do rock sem a ingenuidade do iê-iê-iê, o grupo chamou atenção pelos figurinos e a performance no palco, e nisso a liderança era de Rita.

No 3º Festival Internacional da Canção, o FIG, em que Os Mutantes a acompanharam Caetano Veloso em "É Proibido Proibir", Rita se apresentou com um vestido de noiva emprestado, que era figurino de L. Eila Diniz em uma novela.

O evento foi marcado pelo discurso de Caetano contra a plateia, que viajava e arremessava objetos nos artistas. Rita adorou. Não tinha paciência com jovens de esquerda que só aplaudiam músicas de protesto, com letras e arranjos óbvios, e não entendiam o quão transgressor podia ser a mistura da canção popular brasileira com o pop internacional em meio a experimentações.

Essa foi a base da tropicália, movimento artístico do qual Os Mutantes fizeram parte. No LP "Tropicália", de 1968, participaram de três faixas, incluindo "Paris et Circenses".

Rita e os irmãos Baptista investiram em composições próprias e lançaram em 1968 o primeiro LP. Até 1972, seriam mais quatro, emplacando hits como "Top Top", "Balada do Louco", "Vida de Cachorro" e "Ando Meio Desligado".

Fizeram de tudo, de programas de televisão a musicais nos palcos e até filme — "As Amoras", de Walter Hugo Khouri. Os três encantavam com a mistura de carinha angelical a atitudes endiabradas.

Em tempos machistas, causava impacto a irreverência de Rita, que só crescia. Em 1969, ela voltou a usar, no 4º FIG, o vestido de noiva, mas com um enchimento na barra para se fazer de grávida.

A performance se deu em "Ando Meio Desligado", na qual partem da maconha para o romântico. Na contracapa do LP, Rita está na cama com os Baptistas, todos nus.

Foi demais para o conservador Flávio Cavalcanti, popular apresentador de TV, que quebrou o disco no ar. Mais sinal de sucesso, impossível.

O casamento e a banda acabaram para Rita quando foi expulsa dos Mutantes em 1972. Da raiva e depressão, emergiu a ansia de provar que, apesar de "o clube do Bolinha dizer que, para fazer rock, era preciso ter colhoão, dava para fazer com útero, ovários e sem sotaque feminista clichê".

Compôs "Mamã Natureza", que falava das incertezas pós-Mutantes. A música lhe deu a certeza de que conseguia compor, fazer arranjos, cantar e tocar sozinha.



A cantora e compositora Rita Lee em retrato feito nos anos 1970. Bob Wolfenson

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Ilustrada **Caderno:** C **Página:** 2